O ESTANDARTE CHRISTÃO

ORGAM DA EGREJA PROTESTANTE EPISCOPAL NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Arvorae o estandarte aos povos — Isaias 62:10.

VOL. II.	ASSIGNATURA: POR ANNO .....3$000	PORTO ALEGRE, OUTUBRO DE 1894	PUBLICAÇÃO: UMA VEZ NO FIM DE CADA MEZ	N. 10.

Expediente

Toda a correspondencia deve-se dirigir á caixa do correio n.° 5.

O escriptorio da redacção acha-se no edificio da Escola Americana n.° 387 Rua Voluntarios da Patria.

REDACTORES REVDOS. J. W. Morris, W. C. Brown, A. V. Cabral

N'esta redacção dão-se todas as informações sobre tratados, e publicações evangelicas. Todas as pessoas que desejarem tomar assignatura d'este jornal dar-se-hão ao encommodo de nos remetter seu endereço que serão immediatamente attendidas.

Os pagamentos poderão ser feitos pelo correio.

Relação das Egrejas

A Capella da Trindade

Rua dos Voluntarios da Patria N. 386

PORTO ALEGRE

Pastor: Rev. James W. Morris.

Junta Parochial:

Gervasio M. de Moraes Sarmento, Thesoureiro e 2.° Guardião; Carlos Hardegger, Registrador; Bruno M. Mareco, 1.° Guardião; João Leirias, Gabriel dos Santos.

A Capella do Bom Pastor

Rua Riachuelo Nr. 126

PORTO ALEGRE

Pastor: Rev. W. C. Brown.
Diacono: Rev. A. V. Cabral.
Thesoureiro: Antonio P. da Silva.

A Capella do Calvario

RIO DOS SINOS

Pastor: Rev. Boaventura de Souza e Oliveira.

Junta Parochial:

Ernesto P. Bastos, Thesoureiro; André M. Fraga, 1.° Guardião; João Francisco de Souza, 2.° Guardião; Lucas Machado, Registrador; Adorico F. de Souza, Bernardino A. de Souza.

A Capella do Redemptor

Rua Felix da Cunha Nr. 64

PELOTAS

Pastor: Rev. J. G. Meem.

Diacono: Rev. Antonio M. de Fraga.

Junta Parochial:

Manoel G. de Castro, Thesoureiro; Alypio J. dos Santos, 1.° Guardião; Raphael A. dos Santos, 2.° Guardião; Joaquim Fróes, Registrador; Belmiro da Silva.

A Capella do Salvador

Rua 20 de Fevereiro, Esquina Villete

RIO GRANDE

Pastor: Rev. L. L. Kinsolving.

Diacono: Rev. V. Brande.

Junta Parochial:

Rev. V. Brande, Thesoureiro; Thomaz d'Oliveira, 1.° Guardião; Antonio Gazzineo, 2.° Guardião; Rodrigo Lobo, Registrador; Angelo Catalan, Victor Pingret, Jacyntho Santa Anna.

A Evidencia Moral do Cristianismo

ou

O Ensino Moral de Jesus Christo

(Continuação do no. 9.)

3. Outro contraste entre o ensino do Novo Testamento e o dos philosophos e moralistas é a importancia relativa que se confere ás virtudes pacificas. No respeito a estas ultimas os factos

ros. O primeiro lugar em cada systhema de pensamento antigo é occupado pelas virtudes heroicas ou politicas; as pacificas tem um logar totalmente subordinado; e uma d'ellas, a humildade — uma virtude em que o Christianismo insiste — é difficultosamente reconhecida como tal. O Christianismo, ao contrario, colloca as virtudes da paz no primeiro plano, justamente como a philosophia o practica para com as virtudes politicas. Além d'isso, é fóra de duvida que o Christianismo subverteu a ordem da importancia das virtudes.

Quaes os que têm razão, pois, os escriptores do Novo Testamento ou os philosophos? A resposta dos tempos modernos é que os primeiros tinham razão e os ultimos não. Não pode haver duvida de que se durante os ultimos quatro mil annos as virtudes da paz tivessem occupado o lugar que as heroicas possuiram na estima publica a felicidade do genero humano teria crescido mil vezes.

4. A inteira libertação do Christianismo de todas as tentativas em legislação politica.

Que isto dá-se, é um facto inquestionavel. Isto é uma das cousas que o torna mais proprio para ser a religião universal do genero humano. Precisamente inversa era a practica universal dos grandes philosophos e pensadores do mundo antigo. Com elles sempre as questões moraes assumiam um aspecto politico. A moral era para elles um ramo da politica. Suas unicas esperanças de realizar estas aspirações eram pela creação de uma republica ideal, em a qual os homens fossem educados para a virtude; porém tal republica obstinadamente recusou apparecer ao chamado d'esses homens. Mesmo em o Velho Testamento notamos que se propõe um systhema de legislação politica, como de authoridade divina, e o ensino dos prophetas não é dirigido a consciencia individual, porém ao povo de Israel em sua capacidade corporal ou politica.

Porém emquanto o Divino Mestre fosse e professasse ser o Fundador de um reino, a abstinencia em Seu ensino de todas as questões politicas e sociaes é um facto patente. A unica sentença a que se póde attribuir um aspecto politico «Dae a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus», emancipou para sempre a consciencia da censura do estado, assignando a cada um seus respectivos limites e estabelecendo para sempre a liberdade do invividuo.

E' um facto estupendo que cerca de 600 annos depois de Christo a religião de Mahomet principiou a sua carreira de conquistas, a qual em tempo pareceu ameaçar o Christianismo de extincção. O Koran, sua Biblia, contem não sómente o ensino religioso de seu fundador, porém tambem um corpo de legislação politica que cada crente fiel é obrigado a acceitar como de Divina authoridade. E no entanto é este corpo de legislação politica que constitue um dos rochedos em que o Mahometanismo tem naufragado aos nossos olhos e que desde o principio o incapacitou para sempre de tornar-se a religião da humanidade. Os scepticos podem, se lhes agrada, taxar de genio esta penetração de Jesus na realidade das cousas; porém é um genio que manifesta a presença do sobrehumano.

5. Jesus Christo, com uma simples sentença condemnou a religião da humanidade. «Mulher», disse Elle, «crê-me que é chegada a hora em que vós não adorareis o Pae nem n'este monte, nem em Jerusalem. Vós adoraes o que não conheceis: nós adoramos o que conhecemos, porque dos judeus é que vem a salvação. Mas a hora vem e agora é quando os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pae em espirito e verdade. Porque taes quer m tambem o Pae que sejam os que o adorem. Deus é espirito: e em espirito e verdade que devem adorar os que o adoram». (4:21—24).

Provavelmente jamais uma allocução mais sublime do que esta passou por labios humanos. Todas as religiões antigas eram locaes e ritualisticas na essencia.

O proprio judaismo, em meio do qual Jesus Christo nascera e se educara, se bem que seus livros sagrados contivessem não poucas elevadissimas concepções da Divindade não forma excepção e foi adaptado sómente a uma nação. Porèm nas admiraveis sentenças que hemos citado Jesus Christo penetrou a profundesa da realidade das cousas e declarou que tudo que é nacional, local e ritualistico em religião é *em si* completamente inutil, e que a unica cousa que é real e que durará para sempre é o culto em espirito. Além d'isso, Elle declarou que o objecto do culto, isto é, Deus, é o «Pae» tirando a religião da região do abstracto e investindo-a de um character moral porque é sómente a Elle como um Pae, que seus adoradores podem render um culto acceitavel. Porém se Elle é «o Pae», o genero humano que é a sua prole deve ser um composto de irmãos. Por esta declaração Elle effectuou o que todos os philosophos e moralistas foram incapazes de conseguir — unidade das aspirações religiosas do homem com a sua natureza moral. Comparae, dizemos, com isto o culto moderno da humanidade e seus aspectos moraes. Bem podem ser todas as litteraturas antigas chamadas a exhibir uma allocução que remotamente se assemelhe a esta em penetração e comprehenção.

Convite

Quando, pelo mar revolto
Deste mundo surge Jesus,
Procurando o peccador,
Por quem sangue verteu na cruz!

Quando, por entre as brumas
Da noite brilha essa Luz,
Espancando densas trevas
Que ao abysmo nos conduz;

Quando, pelo labyrintho
Do mundo, ouve-se a voz
De Jesus, que se dirige
A ti, a mim, a todos nós.

Que diz assim: «Vinde a mim
Todos vós, vós os cançados,
Que por este mundo andaes
Tristes e desconsolados.»

Como não será alegre,
Lançarmo-nos ao Redemptor,
Que nos chama e recebe,
Com terno e grande amor?!

Não queres tu, ó viajor
Deste mundo, ir abraçar
Teu Deus, teu Pae que te ama,
E quer que vás no céo morar?!

Oh! deve ser bem ingrato,
Todo aquelle coração
Que, com dureza recusar
Tão altissima posição!

Rio dos Sinos, Setembro de 94.

Boaventura d'Ol.

Pensamentos

Quem quer receber a Jesus tem de renunciar a muita cousa; porque este hospede não quer sómente um cantinho em teu coração. Elle o quer todo.

Sempre no serviço, não em a escravidão de homem algum, eis uma divisa para fidalgos e christãos.

Aos Crentes!

Avante! Avante! Oh crentes!
Soldados de Jesus!
Erguei seu estandarte,
Lutai por sua cruz!

Evangelicos! vós sois soldados de Jesus? se sois, deveis nestes dias de luctas contra o peccado dár um passo a frente, erguer o estandarte de Jesus que é a Biblia, e desfilando no campo da vida testemunhar ao vosso general Christo, que sois soldados fieis, que jurastes a sua bandeira no dia de vossa confirmação perante o mundo. Assim fizeram nos tempos passados os paladinos da verdade, encarando os terrores da inquisição.

Não temiam.

Porque? porque elles folheando as paginas da Biblia achavam palavras assim: »Se tiverdes fé como um grão de mostarda, transportareis montes. Matheus, 20.«

»Sé fiel até a morte e tereis a corôa da vida. II Tim. IV, 7, 8.«

Citar-vos-hei apenas um facto apostolico.

S. Paulo quando chamado a presença do rei Agrippa o que fez elle? envergonhou-se, disculpou-se? Não. Mas cheio de fé declarou-lhe a sua maldade, o seu peccado. Actos XXVI.

Assim evangelicos poder-se-ha vencer o germen da maldade que corrompe inteiramente a alma da creatura. A fé do apostolo nos ensina que devemos sacrificar tudo até a mesma vida.

Luctar por sua cruz... sim o christão verdadeiro deve luctar pela cruz, não pelo madeiro de que foi construido, mas sim pelas verdades que sobre ella foram selladas com o sangue puro do Salvador. Aquelle que alistar-se voluntariamente no exercito do Crucificado deve batalhar para que as verdades que ali foram selladas, sejam gravadas nos corações da humanidade.

Evangelicos! erguei-vos, despertai da somnolencia em que jazeis, e vêde que o mundo se ergue, as seitas meramente humanas da mesma forma, e vós tendes o implicito dever de combatel-as, de mostrar-lhes a verdade. Não é sómente a pregação eloquente da verdade que converte as almas peccaminosas, más é tambem a influencia de uma vida exemplar.

Todo o christão deve mostrar com sua vida quanto é bello servir ao Senhor.

Lembrai-vós, o' evangelicos! das multidões d'almas que nos circundam, esforçai-vos por convertel-as para o bemdito evangelho.

Irmãos: trabalhai, com intrepidez, e o resto o Senhor deparará. Gen. XXII 8.

Assim chegará o dia em que nossa patria educada no conhecimento do Senhor e recebendo suas bençãos, gozará de paz e tranquilidade.

Avante! Avante! oh crentes!
Soldados de Jesus!
Erguei seu estandarte,
Lutae por sua cruz!
Contra hostes inimigos,
Ante essas multidões,
O Commandante excelso,
Dirige os batalhões.

Rio Grande 1894.

A. C. D.

Quem traz o jugo de christo desfaz-se de muita carga.

O jugo de Jesus tritura as costas do impaciente, tiro a carga do paciente.

Jesus falla: Buscai primeiro o reino de Deus. Tudo depende do vontade e seriedade da vontade. A vontade do homem velho deve abnegar-se a i proprio se a vontade do coração deve dirigir-se a Deus como se fosse morta para o exterior.

A necessidade da Religião

O seculo dezenove, este seculo chamado das luzes, está prestes a desapparecer nas brumas do passado. Ao contemplarmos a grande evolução progressista que se opera, ao vermos multiplicarem-se as invenções, aperfeiçoarem-se as industrias, podemos dizer que a civilisação humana avança mais e mais para o seu apogêo.

N'esta quadra em que se procura sanar todas as difficuldades, attender a todas as necessidades, é bem justo que eu vos lembre um assumpto que julgo ser uma necessidade imprescindivel.

Quero fallar-vos sobre a *necessidade da religião.*

Não d'uma religião alterada, corrupta, não da religião das conveniencias e do dinheiro, porém d'uma religião pura. E onde encontraremos uma religião pura? Essa só a encontrareis no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Christo. No Evangelho encontrareis o lenitivo seguro para todas as contrariedades da vida. Vejamos o que nos diz a respeito João Müller, um dos maiores historiadores:

«O Evangelho», diz elle, «é o complemento de todas as esperanças, e ponto de perfeição de toda a philosophia, a explicação de todas as revelações, a chave de todas as contradicções apparentes do mundo physico e moral, a vida e a immortalidade.

Desde que conheço o Salvador, tudo é claro a meus olhos; com elle não ha cousa alguma que eu não posso resolver».

São essas as palavras do grande historiador. Os grandes homens, em cujos cerebros aninha-se a intelligencia, são unanimes em attestar a superioridade que o Evangelho tem sobre todas as doutrinas. Ouçamos ainda que nos diz Chateaubriand, o insigne e conhecido escriptor francez, n'um topico da sua importante obra intitulada «Genie du Christianisme»:

«O Evangelho sobre todos os pontos de vista, mudou os homens: elle lhes fez avançar um passo immenso para a perfeição. Considerai-o como uma grande instituição religiosa em que a raça humana foi regenerada; então todas as pequenas objecções, todas as trapaças da impiedade desapparecem. E' certo que as nações pagãs jaziam n'uma especie de infancia moral, quanto ao que nos achamos hoje; bellos rasgos de justiça escapados á alguns dos povos antigos não destroem esta verdade, e não alterão o fundo das cousas. O Christianismo nos trouxe indubitavelmente novas luzes...»

Ha porém uma classe de homens, que julgam não ter necessidade do Evangelho. Esses são os adeptos do atheismo, d'essa seita que não tem, nem nunca terá um principio fundamental. Qual a moral do atheismo? Quaes as bases sobre as que se fundam os adeptos do nada? Atheus! a vossa campanha é ingloria! Regeneraivos! Despedaçai as cadeias que vos prendem ao erro e ao peccado, e compenetraivos que o Evangelho, é a fonte do bem, da verdade e da paz.

Frederico G. Schmidt.

Rio Grande, 1894.

A Inspiração de Opposição

Os grandes são inspirados por grandes difficuldades. Quando disseram a Napoleão que não podia levar o seu exercito atravéz dos Alpes, elle respondeu em voz baixa, mas resoluta: »Não haverá Alpes«, e por cima d'elles marchou onde nunca antes um exercito tinha passado.

O primeiro discurso que Disraeli fez diante da camara baixa da Inglaterra sahiu tão mal que foi o escarneo de todos. Porém elle disse n'um modo determinado. »Um dia vós me ouvireis«, e o mundo já ouviu o echo d'estas palavras.

Os inimigos do Evangelho procuraram fechar os labios eloquentes de John Bunyan quando elle proclamou o perdão dos peccados pelo sangue do Crucificado, e assim o incarceraram atraz de muros de granito com trancas de ferro. Porém, elle tomou papel e penna, e inspirado por Christo transformou as trancas de ferro em dardos de fogo vivo, e os muros de granito em columnas de luz que lançaram os raios de esplendor espiritual por todos os seculos desde o seu tempo.

O Menino Perdido

Um domingo Mr. D. L. Moody estava prégando n'uma tenda perto da cidade de Chicago durante o tempo da Exposição. O seu texto foi: »O Filho do homem veiu buscar e salvar o que tinha perecido.«

Depois de terminar o discurso, um menino de boa physionomia foi trazido á plataforma por um official que disse que o achara percorrendo entre a turba, evidentemente perdido. Mr. Moody tomou nos seus braços o menino, e ficando em pé em frente da grande multidão pediu que todos olhassem para a criança perdida. »Este menino«, disse o pregador, »tem um pae que sem duvida n'este mesmo instante está procurando-o com coração afflicto. O pae tem ainda mais desejo de achar seu filho do que o filho tem de ser achado. E' assim mesmo com o nosso Pae celestial. Elle está procurando-vos hoje com anciedade indizivel. Por muitos annos elle tem vos procurado, ó peccador, e ainda vos procura. Hoje vos chama.« N'aquelle momento um homem com rosto pallido e ar agitado aproximava á plataforma, fazendo caminho por si entre a concorrencia do povo. Logo que chegara lá, o menino o viu, e correndo lançou-se nos braços estendidos de seu pae. A multidão viu o incidente com muito silencio, e depois irrompeu n'uma grande viva. »Assim«, disse Mr. Moody, »Deus vos receberá hoje, se sómente correrdes para Elle.

O Filho do Homem veiu buscar e salvar o que tinha perecido.»

Corina e sua mãe

ou uma opportunidade bem aproveitada.

Corina era uma encantadora menina de 5 para 6 annos de idade, filha de D. Clotildes, senhora de seus 26 annos, esposa de um advogado muito habil em defender qualquer causa, quer seus clientes tivessem ou não razões. Uma vez que se lhe apresentava uma occasião propicia para ganhar dinheiro, pois este era o seu unico fim n'este mundo, elle não queria saber se fazia ou não justiça. Receber o salario do seu trabalho, fosse por meios licitos ou não, era para elle questão de pouca monta. E eu não admiro seu procedimento, porque aquelle doutor, não obstante ser muito entendido nas coisas humanas, não possuia a fé, esse facho luminoso que empunhamos, quando o da razão se apaga, nem seu coração era aquecido pelas chammas do amor de Christo que nos aquecem no meio do gelo da indifferença religiosa em que vivemos. Porém, apezar de seu scepticismo, de sua indifferença, amava extremamente sua esposa, a quem dava plena liberdade de servir a Deos, conforme os dictames de sua consciencia.

Tendo enraizado em seu coração o Evangelho de Jesus, procurando sempre pôr em pratica o que lia, dava D. Clotildes o testemunho de uma verdadeira Christã, e exercia até certo ponto uma influencia amoravel sobre seu esposo, uma das pessoas que ella tomou a seu cargo, para trazer ao Evangelho. Além desta tarefa, ella nunca descurava a educação religiosa de sua filha, Corina, o querido objecto de seus affectos, mandando-a sempre á Escola Dominical. Nos domingos, uma das mais importantes occupações de D. Clotildes, depois de suas orações era preparar sua filhinha e mandal-a á Escola. Depois que a menina sahia, a mãe dirigiu-se ao seu quarto, e ahi, em silencio, levantava seu coração com fervor ao throno do Altissimo, pedindo as suas bençãos sobre aquelle anjinho.

Ao voltar da Escola, Corina era recebida por sua mãe entre beijos e abraços, o que a menina muito apreciava. D. Clotildes nunca deixava de perguntar a sua filha sobre o que tinha aprendido na Escola, e Corina nunca dava resposta, pelo que a carinhosa mãe ficava completamente desanimada, chegando muitas vezes a duvidar do poder da oração. E de facto, Corina apezar de uma belleza physica, não possuia belleza moral. Era de muito máo comportamento, tanto em casa, como na Escola Dominical. Em casa, era uma dobadoira, um fogo. Ora as toalhas das cadeiras estavão servindo de colchas para as bonecas, ora com o palla do pae enrollava estas. No escriptorio era um confusão. Os livros servia-lhe de banco. Quando as vezes o pae precisava d'um livro, ia tirar do chão, onde se achava servindo de cama, depois de ter perdido a paciencia em procural-o na estante.

Enxotada do escriptorio, levava ao quarto de dormir a desordem, transformando o jarro, bacia e etc. em mil pedaços, alagando tudo.

Impellida d'alli, armava-se com a vassoura e dirigia-se para a cosinha. Alli seus olhos se voltavam para um gato que dormia placidamente sobre o fogão. O misero animal acordava-se sobresaltado e espirrava espavorido, levando as costellas em lamentavel estado, e talvez dizendo comsigo: *que jogo brabo!*

Na Escola Dominical não era tão insubordinada, porém nunca prestava a attenção ao que uma professora ensinava. Sempre distrahida a olhar para as pinturas das paredes. Quando uma professora chamava a sua attenção, suas companheiras soffriam. Puxava o cabello de uma, tirava a fita de outra. Emfim, Corina não mostrava adiantamento nenhum entristecendo não só a professora, como tambem sua mãe, que quasi tinha as esperanças perdidas. Deus que está attento aos rogos de seus filhos, não tardou em responder ás orações fervorosas de D. Clotildes.

Uma bella noite em que D. Clotildes bordava, assentada ao pé da mesa, Corina (em pé sobre uma cadeira), divertia-se em assoprar a chamma da vella, que as allumiava.

Sua mãe, a cada passo, interrompida em seu trabalho pela oscillação da chamma, fez sentir a menina o seu máo comportamento. Porém, a menina retrucava sua mãe, dizendo: *não apaga, não mamãe!* A gente assopra, e o fogo vae para lá, e depois volta outra vez. Deixa eu assoprar, mamãe. E' tão bonito.»

Depois d'algumas reprehensões, a que a menina não attendia, um raio de luz passou pela imaginação de D. Clotildes, e acto continuo, a mãe voltando-se de novo, disse: Tu tanto has de assoprar a chamma, que afinal ella se ha de apagar e tu ficarás no escuro, sem poder enchergar tua mamãe. Tu has de vêr.

Corina, sem dar credito á estas palavras. continuou a assoprar, até que por fim, reunindo todas as suas forças, deu um grande assopro, ficando completamente envolta em trévas.

A mãe retirou-se immediatamente, sem que fosse presentida pela filha, e entrou para o quarto, aguardando o momento propicio, para pôr em pratica o que planejára.

A menina vendo-se só n'aquella silenciosa escuridão, chamou pela mãe.

Nenhuma resposta.

Horrorisada, pôz-se a chorar, e lamentando-se, chamou pela mãe; mas a mãe sempre em silencio.

Já a pobre menina tinha chegado a auge do desespero, lamentando e chamando, quando repentinamente calou-se, como por encanto, e escutou. Era sua mãe que tinha dito: «minha filhinha, estou aqui. Vem cá». E Corina ouvio pela segunda vez o que não ouvira a primeira: «minha filhinha, estou aqui. Vem cá.»

Corina respirou e disse: onde você está, mamãe? eu não posso ir lá, e nem te vêr!

Porque, minha filha? tornou D. Clotildes.

Está muito escuro, mamãe, respondeu a menina, vem me buscar, sim?

Sim, minha filha, disse a mãe.

D. Clotildes que se havia prevenido, riscou phosphoros e accendeu uma vella.

A menina animada pelo reflexo da luz que dava atravez dos vidros da porta, desceu da cadeira e foi encontrar-se com sua mãe, que a tomou nos braços, enchendo de beijos o seu rostinho ainda banhado em lagrimas.

D. Clotildes então tendo sua filha sobre os joelhos, começou no dialogo seguinte:

Por que, minha filhinha, não pudeste ir aonde tua mamãe estava?

Porque eu não enchergava nada, mamãe.

E por que tu não podias enchergar?

Porque não tinha luz, mamãe, e só havia uma escuridão que me fazia ficar com muito medo.

Mas, minha filha, eu te avizei por muitas vezes, que você havia de ficar no escuro sem poder enchergar tua mamãe?

Sim, mamãe, tu me avizaste, mas não pensei que aquelle fogo sumisse tão ligeiro.

Ah! minha Corina, se tu não fosses tão desobediente, e ouvisses sempre o que tua mamãe te ensina, tu não passarias pela tristeza de ficar sosinha no escuro, sem poder vêr tua mãe!

Pois bem, minha filha, tu nunca poderás ir morar lá no céo com Jesus, entre os anjinhos.

Por que! mamãe, perguntou Corina admirada e procurando vêr pelo vão da janella as estrellas que brilhavam no firmamento.

Porque tu nunca prestas a attenção no que tua boa professora te ensina na Escola Dominical. Tu nunca me contaste coisa alguma do que a professora ensina. Sabes o que a professora está fazendo na Escola Dominical? está procurando accender em teu coração a luz do Evangelho, porque sem essa luz tu não podes enchergar Jesus Christo, nem ir para o céo, onde Elle está.

E' verdade, mamãe?

Sim, minha filha. Tu não podeste ir pelo o quarto, onde tua mamãe estava, não é verdade. Não obstante eu te chamar e tu ouvires a minha voz, tu não pudeste ir lá; mas depois que eu accendi a vella, tu foste abraçar com a mamãe.

Corina, com o riso nos labios e como que acanhada, disse: Foi assim mesmo; e circulou a collo de sua mamãe, ficando ambas por algum tempo em silencio, mas o coração de D. Clotildes voou n'este momento ao throno do Altissimo, pedindo que o Espirito Santo viesse regar aquella semente que em tão boa occasião era lançada no coração daquelle anjinho.

Depois de algum silencio, Corina, voltando-se para sua mãe disse: eu vou prestar muita attenção no que a professora ensinar-me, para que eu não fique na escuridão e eu possa enchergar o caminho que vae para o céo.

Pois sim, minha Corina, disse D. Clotildes com os olhos rasos de lagrimas, e eu ficarei querendo muito mais a minha filhinha.

Daquella data em diante, Corina não puchava mais os cabellos das suas companheiras, e nem olhava mais para outros lados: sua attenção se affirmava tão sómente em sua professora. Quando chegava da Escola, elle contava á sua mamãe, conforme as forças que tinha, uma ou outra coisa do que aprendera.

A sua vida em casa tinha se mudado completamente. O pae ficou surprehendissimo com esta transformação, e tambem muito alegre, porque já não era preciso comprar mais outros objectos, para pôr no lugar d'aquelles que a sua filha punha em cacos.

O gato já dormia em paz, sem correr o risco de ser esbordoado.

Agora era Corina uma boa menina, dando esperança de ser, no futuro, uma boa Christã.

Oh! mães approveitae os divinos incidentes que surgem a cada passo, no vosso lar domestico, procurando sempre lançar nos corações de vossos filhinhos a boa semente do Evangelho, antes que o diabo lance n'elles a semente do mal.

Aproveitae sempre estas opportunidades, imitando o comportamento de D. Clotildes, e vereis os vossos esforços coroados de feliz exito.

Nunca deveis pôr nossas esperanças tão sómente nas Escolas Dominicaes. Séde vós tambem uma professora, porque o que vós semeardes nos corações de vossos filhinhos, colhereis para o futuro. São as sementes que crescem e dão mais fructos, as que se recebem no berço.

O ideal da oração commum

Para ser genuino e não o mero serviço dos labios, deve constar o culto commum d'uma mixta assembléa geral de supplicas a Deus, de profissões da fé, de arrependimento, de obediencia e de graças Christãs, a saber, a esperança, o amor, o gozo, a mansidão e a longanimidade.

Tem de ser feitas essas profissões etc. *pelo corpo dos devotos* e não por cada individuo por conta particular do individuo como tal. Deve este achar nas ôrações geraes uma voz que exprima todos os seus desejos e mais ardentes aspirações. D'isto fornece nosso Livro de Oração Commum um exemplo salientemente admiravel e de bom exito. (Trad.: —.)

Agua funda

Não costeae vossos habitos antigos e vossos peccados d'outrora. Evitae a praia; procurae onde a agua acha-se mais funda; navegae o mar alto da misericordia de Deus. »Seja-vos, notorio, varões irmãos, que por Jesus Christo se vós annuncia remissão de peccados«.

Actos dos Apost. cap. 13º, v. 38.

Pregamos esta doutrina com a mesma confiança ao transgressor octogenario como á donzella. »Se os vossos peccados forem como a escarlata, elles se tornarão mais brancos que a neve, e se forem roxos como a carmesim, ficarão alvos como a branca lã«.

Isaias cap. 1.º, v. 18.

Tanto mais rasgada a roupa do prodigo, quanto mais compadecida a alma do seu pae divino. Não digas que és tão peccaminoso; a maré enchente do perdão divino é mais alta do que todas as tuas transgressões.« O sangue de Jesus Christo alimpa de todo o peccado.

1.ª Epis. de S. João, cap., 1.º v. 7.

Dizes que teu coração é duro? Supponhamos que fosse dez vezes mais duro. Dizes que tua transgressão está no remoto passado? Supponhamos que fosse dez vezes mais antiga. Teus crimes são negros? Supponhamos que fossem dez vezes mais negros. Ha leão qualquer que este Samsão não possa matar? Ha fortaleza qualquer que este Vencedor não possa capturar? Ha peccado qualquer que este Redemptor não possa perdoar?

Nos diz a historia que, vencido o exercito de Carlos Magno pelos tres exercitos dos sarracenos na passagem das Roncesvallos, pegou n'uma trompa »seu guerreiro Rolando e soprou-a com tanta força assustadora que fugiram aterrorizados os exercitos inimigos; mas ao terceiro assopro quebrou-se a trombeta. Vemos tua alma ferozmente assaltada por todos os poderes da terra e inferno. Pondo aos labios a maior trombeta do Evangelho, sopramo-la trez vezes. Assopro primeiro: »O que a quer, receba de graça a agua da vida.«

Apoc. cap. 22.º, v. 17.

Assopro segundo: »Buscae ao Senhor emquanto se pode achar; invocae-o emquanto está perto.«

Isaias cap. 55.º, v. 6.

Assopro terceiro: »Eis aqui agora o tempo acceitavel; eis aqui agora o dia da salvação.«

2.º Epis. aos Corinthios cap. 6.º, v. 2.

Não fogem sobresaltados os exercitos de teus peccados? Mas não se quebra o trombeta como a de Rolando. Como foi-nos entregue desde os labios de nossos paes, entregaremol-a aos labios de nossos filhos para sopral-a quando morrermos a fim que saibam todas as gerações que nosso Deus é um Deus que perdoa, um Deus que sympathiza comnosco, um Deus que nós ama como um pae.

Dr. Talmage.

Pequenas offertas

Em uma reunião missionaria em Inglaterra uma pobre trouxe por sua offerta cincoenta pences, os quaes ella poupou á razão de um penny por semana. Ella com certeza deu mais evidencia de abnegação propria e de amor para Christo e para a causa d'Elle do que muitos que deram cem vezes mais do que ella. E sem duvida ella sentiu mais prazer em sua pequena offerta que os ricos que offereceram de sua abundancia. Cada dia ella lembrou-se de poupar alguma cousa pela honra de seu Salvador, e ficou satisfeita em dar o que era na verdade sua »moeda«. A causa do Evangelho depende justamente em taes pessoas. A experiencia mostra-nos que é a multidão das pequenas offertas que enchem as thesourarias das sociedades missionarias. Os pobres então devem ficar animados.

Devem sentir que constituem uma parte muito importante d'aquelles que sustentam a obra evangelica em obediencia á ultima ordem do Senhor. E em vez de ser tentados a guardar o que tem, porque é pouco, elles devem dar graças a Deus que suas pequenas offertas são tão importantes e tão uteis.

A esperança da immortalidade

São a allegoria e a metaphora, ao melhor, auxilios inadequados á fraca alma prestes a perecer por falta da esperança da immortalidade. A esperança sublime, que vive aninhada no coração humano, tem por base mais que as encantadoras imagens do poeta. Acha-se baseada sobre a eterna rocha da verdade, e hade crescer cada vez mais forte e deslumbrante, quando romper a estrella da intellectualidade.

Sabemos que é uma parte do plano divino que o homem existe, e a existencia futura basea-se, por consequencia, sob uma actualidade. Sabemos mais que não se acha uma tal palavra como anniquilação no lexicon divino. Todas as cousas se mudam, mas não deixa de existir cousa alguma. Não podem os seculos accrescentar ao universo uma molecula de pó de estrella nem tirar um atomo do ether em que revolvem os corpos celestes. Quem é capaz de accreditar que sendo o materialismo bruto indestructivel, a alma, a intelligencia, o mestre da materia, pode ser chamado caprichosamente do nada e tão repentinamente anniquilado?

Vivemos hoje prisioneiros n'uma cellula. Não deixaremos de existir quando no curso da natureza, não póde mais guardar essa casa de prisão á alma fortalecida e triumphante do destino sublime que lhe foi concedida pelo Rei supremo do universo. Não foi uma parte do plano divino demonstrar o futuro ao genero humano, porém, em lugar d'isto, plantar no peito do homem uma saudade intensissima pela immortalidade, e animar seu espirito desmaiado, pela brilhante estrella da esperança. Havia uma epocha antes que soubera vencer aos instinctos animaes o espirito divino que implantou Deus no peito humano, quando resplandecia caprichosa e incertamente essa estrella. Mas no desenrolar dos seculos e approximando-se o homem ao seu Deus, brilha a estrella com uma refulgencia e gloria a que não pode escurecer pessimismo algum, nem eclipsar quaesquer assaltos insidiosos da incredulidade.

(Trad.: —.)

A mania das estatisticas

A epoca actual é *epoca estatistica*. E' mania. Põe-se grande importancia no estudo da estatistica. Pena é que não saibamos evitar os extremos. Precisamos de quem tenha bom juizo, nem o descuidado que adivinha tudo, nem o escravo da estatistica que só occupa-se nos algarismos.

Quando tratamos de meras cousas, talvez a melhor medida seja a do numero; porém o »estado da Igreja« não se pode determinar por estudo algum de numeros.

Os algarismos não dão a força espiritual da igreja, seja de uma só congregação, ou de toda a igreja. A espiritualidade não mede-se pelo modo de medir a força d'uma machina. Os elementos mais divinos da igreja não cabem nas columnas de numeros. Calcular estes? Então pese-se a intelligencia.

Nem se póde calcular a liberalidade de uma igreja pela somma dos dinheiros. Quantia pequena póde indicar liberalidade; quantia grande póde indicar pequenez. A viuva que deu os seus dois dinheiros era liberal. Os ricos que do muito dêm alguma cousa que não precisem, não passam de mesquinhos.

Avaliar o pastor pelos algarismos do relatorio, é de todos os methodos o mais illusorio. As condições em que os pastores trabalham são tão differentes que não se póde julgal-os pelos relatorios das finanças e dos membros. A's vezes o relatorio que dá os membros dobrados é devido ao pastor antecedente. O pastor *A.* trabalhou dois annos para ganhar o terreno perdido pelo predecessor. O pastor *B.* talvez recebeu cem membres não convertidos. Os outros dois annos o pastor *C.* passa a disciplinar os perversos e instruir a igreja nos principios da religião verdadeira. Para esse os algarismos fazem pouca manifestação. Porém si não fosse elle é possivel que aquella igreja morreria. Quanto ao trabalho deste, Deus o vê em segredo.

(Do *Expositor Christão.*)

O Credo

CAPITULO VII

O Setimo Artigo.

D'onde ha de vir a julgar os vivos e os mortos.

1. **D'onde ha de vir.** Quando nosso Senhor estava sobre a terra, declarou que não sómente subiria ao céo, mas viria outra vez ao mundo. As vezes disse isto em parabolas como a da volta d'um Senhor inesperadamente á sua casa (Matt. 24:45-51), ou a «d'um homem nobre que partiu para uma terra remota a tomar para si um reino e voltar» (Luc. 19:12—27), ou a da vinda d'um esposo para receber a sua esposa (Matt. 25:1—13). As vezes, porém, fallou claramente, como quando disse aos seus discipulos: «Vou preparar-vos logar. E, quando eu fôr, e vos preparei o logar, virei outra vez» (João 14:2, 3); ou quando disse ao principe dos sacerdotes: «Vereis em breve o Filho do Homem assentado á direita da majestade divina, e vindo sobre as nuvens do céo». (Matt. 26:64). Assim tambem os Anjos, que appareceram aos Apostolos quando Christo subiu, disseram: «Esse Jesus, que d'entre vós foi recebido acima no céo, ha de vir assim, como para o céo o vistes ir» (Actos 1:11).

2. **A julgar.** A segunda vinda, comtudo, do Salvador não será, como Sua primeira vinda, em grande humildade, mas em majestade gloriosa, e com todos os Seus santos anjos, para julgar ao mundo. Esta é Sua propria affirmação. «O Pae», diz Elle, «a ninguem julga, mas deu ao Filho todo o juizo; e deu-lhe o poder de fazer o juizo, porque é o Filho do Homem» (João 5:22, 27). E S. Paulo disse aos Athenienses: «Deus tem determinado um dia em que justamente ha de julgar o mundo por aquelle varão, que destinou; dando certeza a todos, resuscitando-o dos mortos» (Actos 17:31; comp. Rom. 2:16).

3. **Os vivos e os mortos.** Tem sido revelado a nós que este juizo se extenderá tanto aos vivos como aos mortos, isto é, áquelles que serão vivos n'aquelle dia, como áquelles que morrerão antes que chegar. «Conjuro-te, pois, escreve S. Paulo ao Timotheo, diante de Deus e do Senhor Jesus Christo, que ha de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda, e no seu reino (2 Tim. 4:1). «Os quaes», escreve S. Pedro dos homens perversos», hão de dar conta ao que está preparado para julgar os vivos e os mortos» (Pedro 4:5). «Na verdade nem todos dormiremos (i. e. o somno da morte), porque todos seremos transformados, n'um momento, n'um abrir e fechar d'olhos, ao som da ultima trombeta (I. Cor. 15:51, 52) ...e os mortos, grandes e pequenos (Apocalypse 20:12) estarão perante o tribunal de Christo.

4. **Segundo as suas obras.** E mais, este juizo se extenderá até aos pensamentos (I Cor. 4.5), ás palavras (Matt. 12:36), e ás obras (Apocalypse 20:13) dos homens. Porque Aquelle, na cuja presença serão reunidas todas as nações (Matt. 25:32), bem sabe todo o que ha no homem (João 2:25). Elle trará á luz as cousas occultas das trevas, e manifestará os designios dos corações (I Cor. 4:5). Elle chamará todos a contas, «segundo o que tiverem feito no corpo, ou bem, ou mal» (2 Cor. 5:10), e da Sua sentença dependem successos da maior importancia; porque aquelles que practicaram o mal, «irão para o tormente eterno, mas os justos para a vida eterna» (Matt. 25:46).

5. **O Juiz,** pois, n'esse dia terrivel será o Filho do homem, a quem previu, vindo nas nuvens do céo» (Dan. 7:13). Porque, ainda que o direito e o poder de julgar pertença a Deus Todo Poderoso, cujas creaturas e servos somos, Elle delegou este poder ao Seu Filho (João 5:27). Todas as revelações das Escripturas implicam que o Juizo final terá logar na presença de todo o mundo, perante os anjos e os homens. A gloriosa presença de Deus não poderiamos supportar.» Elle habita na luz inaccessivel; a quem nenhum dos homens viu, nem pode ver (1 Tim. 6:16). Não poderás ver a minha face», disse Elle a Moyses, «porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá» (Exod. 33:30). Visto que, pois «o Unigenito Filho, que está no regaço do Pae» (João 1:18), sómente o declarou, ou o manifestou ás Suas criaturas, a Elle delegou Deus o juizo final do genero humano, afim de que, como em sua natureza fez tudo quanto era necessario para salvar-nos, como em nossa natureza foi exaltado á direita de Deus para governar-nos e abençoar-nos, assim em nossa natureza venha a julgar-nos.

5. **Porque Elle é o Filho do Homem,** é destinado e determinado por Deus para ser nosso juiz. Para este alto officio Elle tem em si as propriedades, que não se poderia achar em nenhum outro, mesmo no mais alto archanjo. Porque não sómente, como nos ensina o Evangelho, é nosso Redemptor e dotado de perfeita justiça; não sómente tem o poder divino de sondar os corações dos homens, de maneira que saiba as cousas as mais occultas, e possa sempre descobrir o que é justo, mas da sua propria experiencia da vida humana possue aquelle amor e sympathia para com os homens, os quaes são necessarios para que possa distribuir aos homens a justiça, conforme exigem a misericordia e severidade.

7. **Resumo.** Este é o ultimo artigo na segunda parte da Fé Christã, na qual se acha a historia de nossa redempção por Jesus Christo, Sua Encarnação, Seus padecimentos sob Poncio Pilatos, Seu Enterro, Sua descida em Hades, Sua Resurreição no terceiro dia, Sua Ascensão ao céo, Seu assento á mão direita de Deus, Sua segunda vinda para julgar os vivos e os mortos.

(*Continúa*).

EPISTOLA

de

S. Paulo Apostolo aos Efesios.

As palavras, «aos santos que estão em Efeso», são omittidas nos dois manuscriptos mais antigos. D'este facto bem como da ausencia das saudações pessoaes, o que seria mais notavel no caso d'uma Egreja onde o Apostolo foi tão bem conhecido, muitos tem concluido que a Epistola não era destinada originalmente a uma só Egreja, porém a um grupo de Egrejas, e que depois recebeu o nome da mais importante d'estas — Efeso. A primeira visita de S. Paulo ao Efeso é mencionada nos Actos dos Apostolos cap. 18:19—21. Foi muito breve e a obra, que principiou, foi continuada por Apollos vs. 24—26, e por Aquila e Priscilla v. 27.

Depois de visitar Jerusalem e Asia Menor regressou para Efeso (Actos 19:1), e lá ficou tres annos (Actos 20—31). Na occasião de sua ultima visita a Jerusalem «de Mileto mandou a Efeso a chamar os anciãos da Egreja (Actos 20:17). Algum tempo depois deixou a Egreja em Efeso a cargo de Timotheo. O proposito da Epistola é geral, as unicas circumstancias particulares são a missão de Tychico (cap. 6:21), e o seu encarceramento em Roma (Actos 28:20). Foi durante este encarceramento A. D. 62 ou 63, que esta Epistola foi escripta, bem como as Epistolas aos Colossenses e a Philemon.

O assumpto principal é a doutrina da Egreja, em toda a sua diversidade, como encerrada em Christo.

Analyse da Epistola.

I. Saudação (1:1—2).

II. **Porção Doutrinal:** A Egreja de Christo.

(1) Sua fundação em eleição divina (1:3—14).

(2) Seus privilegios como participantes do systema Christão (1:15—23).

(3) Contraste entre o estado presente e passado de seus membros (2:1—13).

(4) Gentio e Judeo unidos na mesma Egreja por Christo (2:14—22); um mysterio agora revelado 3:1—12).

(5) Oração e doxologia (3:13—21).

III. **Porção Practica.**

(1) Unidade da Egreja (4:1—6), em diversidade de dons (4:7—12), aperfeiçoada por Christo, o Cabeça d'ella (4:13-16).

(2) O velho e novo homem (4:17—5:21).

(3) Relação entre o marido e a mulher; um typo de Christo e da Egreja (5:22-23), outras relações domesticas (6:1—9).

(4) A armadura Christã (6:10—20).

IV. **Pessoal.**

(1) A missão de Tychico (6:21, 22).

(2) A benção (6:23, 24).

A semelhança entre a Epistola aos Efesios e a outra aos Colossenses é notavel, devido provavelmente ao facto do que foram escriptas e despachadas ao mesmo

tempo. Esta semelhança acha-se não só nas ideas, mas nas expressões: e. g. Efes. 1 : 7=Col. 1 : 14; Efes. 1 : 10=Col. 1 : 10; Efes. 3 : 9=Col. 1 : 25, 26.

Mas se bem que as mesmas ideas achem-se em ambas as epistolas, são consideradas d'uma maneira differente. Na Epistola aos Efesios a Egreja é objecto principal e o pensamento sobe ao Christo, como a Cabeça da Egreja. Na Epistola aos Colosenses Christo é o objecto principal, e o pensamento desce à Egreja como o Corpo de Christo. *Sanday.*

Ha um Deus

«Não creio em um Deus pessoal», dizia um sceptico a um companheiro de viagem, no wagon de um trem.

— Porque não? respondeu o companheiro, que era um ministro do Evangelho.

— Porque não posso vêl-o. Sua existencia não é demonstravel, não é capaz de prova como as verdades scientificas.

— Crê o Snr. que esteja vivo e que eu tambem esteja vivo? perguntou o ministro.

— Sim, certamente, replicou o sceptico.

— Porque crê assim?

— Porque vejo mover-se.

— Bem, a locomotiva que arrasta o trem tambem se move: está viva?

— Não, porém o machinista que o manobra está vivo.

— De accordo; porém diga-me Vmcê, se o machinista é parte da machina, ou é uma pessôa vivente?

— E' claro que é uma pessôa vivente.

— Está bem, disse o ministro.

Porém observe Vmcê que um homem sabio deve ser consequente; e diga-me se gosta: Porque attribue Vmcê o movimento da maquina a uma pessôa vivente, e nega que Deus, que pôe em movimento o Universo, seja uma personalidade vivente?

O homem não poude responder. Mas não querendo dar-se por vencido, sahiu-se com outra objecção contra o Christianismo.

— O que não posso supportar na orthodoxia, é esse continuo fallar de crédo, crédo, crédo... que em todas as partes e em todo o tempo se arroja sobre nós outros.

— E que entende Vmcê por crédo? perguntou o ministro.

— Por crédo entendo o que o homem crê.

— Muito bem, senhor. Porém Vmcê tem tanto crédo como eu. Eu creio em um Deus pessoal, Vmcê crê o contrario. Creio na Incarnação de Filho de Deus para nossa redempção, Vmcê crê o contrario. Que differença ha no conjuncto de nosso crédo. Tão sómente que eu creio em um lado da questão e Vmcê no outro.

Se chegarmos ao ponto medio, Vmcê tem tanto crédo pelo seu lado como eu pelo que me toca; porém Vmcê aprecia o direito de defender suas opiniões e quer negal-o a mim.

Callou-se de novo o sceptico. Porém pouco depois voltou á carga, dizendo:

— O Christianismo não é susceptivel de demonstração scientifica. No campo das sciencias todas as verdades podem demonstrar-se por meio da experiencia, se submettem á prova. Eu encontro prazer no estudo da chimica. Suas proposições são claras e podem ser provadas por factos e experiencias que appelam aos sentidos.

— Vmcê estudou chimica? lhe perguntou o ministro.

— Sim, senhor.

— Pois então, deve Vmcê saber, que o carvão de lenha, o carvão de pedra e o diamante, são a mesma cousa em suas moleculas, é dizer, carbone.

No entanto, pode Vmcê tomar uma molecula do carvão de lenha, pôl-a no diamente, e conseguir um todo perfeito?

— Confero que não posso.

— E onde pois está a sua demonstração com respeito a esta verdade da chimica?

Quanto ao Christianismo, a objecção de Vmcê não é valida, porque elle é capaz de demonstração espiritual. Vmcê mesmo pode experimental-o e achará que é tal como Deus o apresenta. Deus diz a todos: «Provae e vêde». Prove-o Vmcê e a experiencia lhe dará o testemunho de sua veracidade. Milhões o tem submettido á prova de sua experiencia e têm achado que elle é o poder de Deus para salvação a todo o que crê». *(Trad.)*

Um heroe.

Ha poucos annos houve um incendio n'uma aldeia da Suissa, e como todas as casas fossem de madeira, a ruina foi completa. Os pobres aldeãos espalharam-se por toda a parte em grande tristeza por causa da destruição de suas casas e da perda de seus gados. Um d'elles tinha ainda mais causa de pezar do que os seus visinhos. Não somente perdêra a sua casa e as suas vaccas, mas não podia achar o seu filhinho, um menino interessante da idade de seis ou sete annos. Chorou, não quiz aceitar consolação, e passou a noite a caminhar melancolicamente por entre as ruinas emquanto os seus visinhos acolhiam se ás aldeias adjacentes. Logo ao amanhecer, comtudo, ouviu um som familiar, e levantando os olho viu a sua melhor vacca em frente das outras, ás quaes vinha guiando, e atraz d'ellas appareceu o menino. »O' meu filho! meu filho!« gritou elle, «estás na verdade vivo?« »Pois não, papae. Quando vi o incendio corri para levar as vaccas a um logar seguro.« »E's um heróe, meu filho,« exclamou o pae. Mas o menino disse: »Oh não! Um heroe é uma pessoa que faz alguma acção extraordinaria. Eu tirei as vaccas porque ellas estavam em perigo, e sabia que foi meu dever cuidar d'ellas.« »Ah,« respondeu o pae, «aquelle que faz o que deve fazer ao tempo que deve fazel-o é um heróe.«

Uma pobre cega em Paris poz 27 francs na collecta tirada depois de uma reunião missionaria. »Não tem meios para dar tanto« lhe disse um que estava presente. »Sim, tenho,« ella respondeu: »Sou cega, e perguntei ás minhas companheiras que trabalham comigo em obras de palha: 'Quanto gastam n'um anno para o kerosene que usam nos seus lampeões de noite?' Ellas me replicaram, ‚27 francs.' Assim, »continuou a pobre mulher,« achei que poupei tanto no anno por causa de ser cega e não ter necessidade de um lampeão, e quero mandar a luz do evangelho áquelles que, nos paizes pagãos, ainda estão em trevas.«

Oração.

O' Bemdito Senhor,
Meu divino Jesus,
Meu Mestre querido,
Me conserva na luz.

Eu quero seguir-te,
De vida, em pureza,
Mas o peccado me peza,
Me tira a destreza!

As brumas da noite
Me impedem de vêr
Teu amor, tuas graças,
Teu immenso podêr!

Dissipa essas trévas,
O' mostra-me a luz!
Me ampara nos braços
O' Bemdito Jesus!

Me innunda de luz
Da celeste mansão!
Me ergue, me cura,
Me arranca do chão!

O' Bemdito Senhor,
Meu divino Jesus,
Meu Mestre querido,
Me conserva na luz.

Rio dos Sinos, agosto, 94.

Boaventura d'Oliveira.

Contribuições para o templo em S. Rita do Rio dos Sinos.

Quantia já publicada.....	206$500
Maria Paim d'Andrade...	4$000
Josepha Paim d'Andrade..	2$000
Um anonymo (crente)....	100$000
	312$500
Despezas feitas com o cercado e etc.....	31$000
	281$500

A Capella da Trindade.

O coro soffreu sensivel perda na sahida do Sr. Bradbury. A organização, comtudo, está continuada. Os ensaios realizam-se nos Sabbados de tarde. Ha difficuldades em conseguir a assistencia de todos os membros; porém o cantico dos hymnos e psalmos tem melhorado.

A Escola Americana pretende fechar suas aulas durante os mezes de Novembro e Dezembro. Finaliza o anno com a assistencia de 35 alumnos. O director e professores meditam dar uma festa de alguma qualidade aos meninos. Os exames devem ter logar durante as ultimas duas semanas.

A Escola tem feito mais esforços que nunca em instruir os alumnos nas Escripturas Sagradas. Os resultados são animadores. As aulas abrir-se-hão com o favor de Deus, na primeira semana do mez de Janeiro. O numero dos alumnos será limitado á 60.

O Rev. Morris conseguiu alugar uma casa na Rua da Floresta. Esta é muito mais conveniente para o trabalho do evangelho. Esperamos que Deus se digne abençoar a mudança.

A escola dominical vae muito animada, tendo uma assistencia media de 60 meninos, emquanto ha mais que cem nomes na lista. Ha seis irmãos que auxiliam o pastor n'este esperançoso trabalho. Os professores reunem-se todos as semanas para estudar a lição e orar pelos meninos da escola. Cada mestre do collegio dominical está exhortado a guardar uma lista de sua aula, e fazer supplicas diariamente por cada um de seus alumnos.

O Sr. Morris recebeu pelo correio uma carta contendo a quantia de 40$000 destinada á egreja no Rio dos Sinos. A carta foi anonyma; Deus, que conhece este valente amigo do evangelho, lhe conceda as suas bençãos. O dinheiro está entregue ao Rev. Boaventura d'Oliveira, em cujas mãos acham-se as contribuições para este fim.

Regresso

Depois d'uma longa permanencia n'esta cidade, regressou á Bagé o Sr. Leonardo José Collares Sobrinho accompanhado por sua Exm.ª Familia.

Se estamos privados de ver em nossos cultos esta amavel e interessada familia, não o estaremos com tudo, de rogar a Deus para o seu progresso e felicidade.

Rio Grande, 18 de Setembro 1894.

D'uma carta do Rev. Vicente Brande de Rio Grande, transcrevemos a seguinte noticia:

»Temos sido muito abençoados por Deus em nossa escola..... O seu numero actual é de 65... E' impossivel receber mais por falta de espaço e pessoal para o ensino. Orae por ella e por nós, a Deus.

Dir-vos-hei tambem que passeei tres dias em Pelotas, aproveitando o glorioso 7 de Setembro, onde preguei no Domingo, estando o culto bem animado.«

O Rev. Vicente, tambem, recommenda aos irmãos da Capital a dedicada irmã D. Firminiana Gonçalves da Silva. Esta irmã é membro da egreja em S. José do Norte, e tem sido fervorosa em seu trabalho a favor da sociedade de arte-factos. Ella vem fixar a sua residencia na cidade de Porto Alegre.

Chegadas

Acham-se n'esta Capital: nosso irmão Sr. Eduardo Bomfim transferido da Capella do Redemptor em Pelotas para a do Bom Pastor em Porto Alegre; e D. Fermiana Gonçalves da Silva pertencente a nossa Egreja em S. José do Norte.

Reunião Missionnaria

No dia 5 de Outubro teve lugar na Capella do Bom Pastor uma reunião missionaria em beneficio do trabalho evangelico na China. Apezar de pouca concurrencia a collecta foi de rs. 14$600. Pronunciou um discurso o Rev. Morris, da Capella da Trindade.

Admissão

No dia 7 de Outubro foi admittido á Sagrada Communhão na Capella do Bom Pastor o Sr. José do Norte, devendo este irmão ser confirmado na primeira visita do Bispo.

Carta do Rio dos Sinos

Motivos de ordem particular me têm retido em Rio dos Sinos desde o dia 14 de Setembro p. p. Apezar disso, porém, procurei aproveitar as opportunidades que Deus me offerecia para prégar Seu Evangelho e foi assim que préguei nos dias 16, 19, 23, 26, 30 de Setembro, 7 de Outubro a congregações regulares na Capella do Calvario e em casa do irmão André Fraga. No dia 2 de Outubro as minhas cogitações e lidas ficaram de parte devido ao nascimento de meu querido filho Nathaniel.

Cá recebi um convite do distincto cavalheiro e nosso irmão na fé, cidadão F. A. Engel, para assistir ao Synodo em Novo Hamburgo. Ainda me estavam e estão presentes as impressões que em meu espirito de novel trabalhador deixaram os dias de Sapyranga; por isso sinceramente orei para que o Synodo tivesse este anno a benção do Espirito Santo.

Em a noute de 12 de Outubro assisti aos baptisados de duas creanças na casa do irmão André Fraga cabendo-me ser um dos padrinhos.

Houve por esta occasião um culto em que tive de prégar sobre os votos do baptismo e consequentes deveres dos paes e dos padrinhos. Achavam-se presentes quazi todos os irmãos que residem no Pesqueiro.

No dia 13 de Outubro parti para Porto Alegre em companhia de nosso presado irmão Major Lucas Machado M. Sarmento; domingo 14 préguei trez vezes em Porto Alegre sendo duas vezes na Capella da Trindade e uma vez no arraial S. João.

Com pezar recebi em Porto Alegre a noticia do fallecimento do nosso irmão na fé, José Costa, um dos poucos membros da congregação da Capella do Bom Pastor.

Rio dos Sinos, Outubro de 94.

A. V. C.

Enterros

Desde nosso ultimo numero, visitou ao lar domestico do nosso irmão Sr. José de Almeida Coelho o anjo da morte, tirando dos inconsolaveis paes duas filhas, Sarah, que morreu no dia 29 de Setembro, tendo-se baptizado *in extremis* dois dias antes pelo Rev. Kinsolving, e Julieta que morreu no dia 4 de Outubro. Foram ambas sepultadas conforme ao rito da Egreja Protestante Episcopal, officiando o pastor e diacono.

Ao nosso irmão e sua Exm.ª Sr.ª D. Adelina de Almeida Coelho mandamos nossas sinceras sympathias.

Harpa de Israel

E' o titulo de uma nova traducção dos Psalmos feita pelo conhecido cultor das linguas latina, grega e hebraica Snr. F. R. dos Santos Saraiva. Será publicada esta traducção em volume mais ou menos 400 paginas de oitavo maximo, nitidamente impresso, e em excellente papel. Os Snrs. subscriptores receberão encadernado o livro, cujo preço não excederá a 7$000, pagos ao ser-lhes entregue. As assignaturas de vinte exemplares para cima terão direito ao abatimento de vinte por cento. Os pedidos devem ser dirigidos ao traductor: Caixa 14, S. Paulo.

Typographia de Gundlach & Schuldt